

DOSSIÊ

DA ANATOMIA DO TELEJORNAL MIDIATIZADO:

metamorfozes e narrativas múltiplas

Copyright © 2012
SBPjor / Associação
Brasileira de
Pesquisadores em
Jornalismo

FABIANA PICCININ
Universidade de Santa Cruz do Sul

DEMÉTRIO DE AZEREDO SOSTER
Universidade de Santa Cruz do Sul

RESUMO - Este artigo discute a midiática do jornalismo, que se caracteriza por instituir, na contemporaneidade, um novo lugar às mídias. Por este viés, elas não são mais vistas apenas como meios, mas como elementos estruturantes de um novo bios comunicacional. Assim, nessa passagem da sociedade dos meios para a sociedade midiática, complexificam-se práticas de produção de notícias e instauram-se processualidades e formas de narrar e de distribuir conteúdos distintas do que se tinha até então. O telejornal emerge, portanto, em um novo formato de programa de notícias na TV, integrado pelo conjunto das mídias que a ele se referem, requerendo novos protocolos de identificação e reconhecimento. Para efeito deste estudo, essas mudanças serão observadas no telejornal TV Folha da TV Cultura a partir dos quatro movimentos resultantes do processo de midiática do jornalismo: autorreferencialidade, correferencialidade, descentralização e dialogia.

Palavras-chave: Telejornalismo. Midiática. Transformações. Narrativas múltiplas.

LA ANATOMÍA DEL NOTICARIO TELEVISIVO MEDIATIZADO: metamorfosis y narrativas múltiples

RESUMEN - Este artículo discute la mediación del periodismo, que se caracteriza por instituir, en la contemporaneidad, un lugar nuevo para los medios de comunicación. Desde esta perspectiva, ya no son vistos apenas como medios, sino como elementos estructurantes de un nuevo bios comunicacional. En ese tránsito de la sociedad de los medios a la sociedad mediática, las prácticas de producción de las noticias se hacen cada vez más complejas y se instauran procesos y formas de narrar y de distribuir contenidos que son diferentes de los que existían hasta hace poco tiempo. El noticiero televisivo adquiere, por lo tanto, un nuevo formato de programa de noticias en la TV, integrado por el conjunto de los medios que con él se relacionan, exigiendo nuevos protocolos de identificación y de reconocimiento. Se observarán estos cambios en el telediario TV Folha, del canal Tv Cultura, a partir de los cuatro movimientos resultantes del proceso de mediación del periodismo: autorreferencialidad, correferencialidad, descentralización y dialogismo.

Palabras clave: Periodismo televisivo. Mediación. Transformaciones. Narrativas múltiples.

ON THE ANATOMY OF MEDIATIZED NEWS BROADCASTING: metamorphoses and multiple narratives

ABSTRACT - This article discusses mediaticization in news journalism, which is characterized by the institution, in current times, of a new "place" for the media. From this standpoint, they are no longer regarded as mere media, but as structuring elements of a new communicational bios. In the course of society's transition from the media towards a mediatic society, news production practices become complex and process practices, as well as narrative and content distribution forms emerge, that are distinct from those seen until then. Television news broadcast emerges, therefore, in a new format, made up of the cluster of diverse media that refer to such programs, demanding new identification and recognition protocols. These changes will be examined as they relate to the news telecasts TV Folha, of TV Cultura, based on four movements resulting from the mediaticization process in journalism: self-referentiality, co-referentiality, decentralization and dialogia.

Keywords: Television news broadcasting. Mediaticization. Transformations. Multiple narratives.

Do cenário à narrativa telejornalística

A investigação sobre as metamorfoses sofridas/operadas no jornalismo de televisão exige um trabalho de mapeamento, a princípio, do lugar de significação dos dispositivos midiáticos frente às mutações contemporâneas. Assim, observa-se a sociedade atual, marcada por profunda imersão tecnológica, especialmente a partir da metade do século XX, e a série de mudanças associadas a esse fenômeno, como a aceleração dos processos, a complexificação dos conceitos e a produção de novas lógicas nas formas do pensar e do dizer.

Essas transformações, neste artigo, serão analisadas em uma perspectiva sociotecnodiscursiva como estratégia de investigação da relação interposta entre as técnicas de produção e de circulação das notícias, as quais são entendidas como dimensões que integram um espectro amplo de mudanças que afetam e também são afetadas por todas as outras instâncias que compõem o contemporâneo. A opção pela circulação tem razão de ser, à medida que, na perspectiva da midiaticização,

[...] a circulação deixa de ser uma espécie de “ponto de passagem” onde sentidos de discursos entre produtores e receptores de discursos se manifestariam de modo automático, para se constituir num “ponto de articulação” onde se desenvolve uma atividade enunciativa interacional de natureza assimétrica, na qual os sentidos se manifestam segundo lógicas de indeterminações (FAUSTO NETO, 2010, p. 45).

Ou seja, o fenômeno da midiaticização olha para a mídia a partir de uma nova lógica em que os dispositivos de comunicação desempenham um papel para além do conceito original de mediadores à atividade humana para compor uma nova ambiência, perceptível, sobretudo, pela emergência de novas lógicas operacionais e discursivas (SOSTER, 2008, 2009). Por conseguinte, assumindo esse lugar de centralidade, as mídias acabam por reconfigurar toda uma ecologia comunicacional (GOMES, 2006), instituindo um novo bios (SODRÉ, 2006), marcado pela virtualização das relações. Em perspectiva semelhante, Hjarvard (2012) acrescenta que, ao se assumir o novo cenário integrativo da mídia, este olhar é que torna possível e necessário compreender a maneira como essas novas relações entre mídia e sociedade vão gerar as novas práticas sociais/midiáticas/culturais/tecnológicas. Como aponta Fausto Neto (2008, p. 93):

As mídias perdem este lugar de auxiliaridade e passam a se

constituir uma referência engendradora no modo de ser da própria sociedade, e nos processos e interação entre as instituições e os atores sociais. A expansão da midiatização como um ambiente, com tecnologias elegendando novas formas de vida, com as interações sendo afetadas e/ou configuradas por novas estratégias e modos de organização, colocaria todos – produtores e consumidores – em uma mesma realidade, aquela de fluxos e que permitiria conhecer e reconhecer, ao mesmo tempo. Nada estaria fora das fronteiras da sua constituição, uma vez que não haveria nenhum objeto a ser representado, pois tudo estaria contido nas múltiplas relações e co-determinações, a se manifestarem no modo de existência deste ambiente de fluxos e de envio/re-envios.

Trata-se, portanto, de olhar para o que muda nessa nova configuração no que diz respeito ao telejornal e ao seu entorno, na medida em que este abandona seu lugar de mediador e de espaço por onde outros se deixam dizer para ser o próprio “dizer em si”. Assim, compreende-se o jornalismo de televisão como aquele que passa a estabelecer nas suas narrativas e nas formas cambiantes de seu discurso a natureza de uma certa sociedade em um certo tempo e com suas mutações, que aqui servirão de caminho de investigação a fim de entender esse novo momento e sua expressão configurativa.

Em função disso, no âmbito dessas mudanças, o programa, enquanto expressão do conjunto da mídia, acaba por ultrapassar seu sentido original e *eticidade*¹ de meio, em última instância, conforme a proposição feita por Killp (2003), uma vez que se alça à instância integrativa do cenário contemporâneo. Além disso, oferece dizeres com os quais os indivíduos também estabelecem relações, tomam decisões, organizam suas experiências e, em última análise, atribuem sentidos à existência. Ou seja, nesse cenário mutante, o conceito e a identificação do que se trata um telejornal vai sofrendo metamorfoses que incidem em suas práticas e linguagens e que, gradativamente, resultam em uma configuração nova e, portanto, por vezes distanciada do que originalmente vem se reconhecendo como marcas específicas do jornal da televisão ao longo de seus 60 anos.

A midiatização do telejornal

No que diz respeito ao jornalismo, a prática ocupa, na processualidade da midiatização, um lugar diferenciado. À medida que os dispositivos midiáticos por meio dos quais ela usualmente realiza suas ofertas de sentido à sociedade – televisão, rádio, jornais,

websites etc. – são vetores de midiaticização pelas razões expostas, estes acabam afetando e sendo afetados nessa dinâmica. Com isso, midiaticizam-se (SOSTER, 2009). E, quando isso ocorre, quando o jornalismo enquanto prática de sentido é midiaticizado, reconfigura-se, complexifica-se, requerendo gramáticas interpretativas diferenciadas.

Soster (2012b) sugere que a midiaticização do jornalismo pode ser observada como tal por meio de quatro movimentos identificados, sobre os quais falaremos mais adiante, que se verificam no âmbito da circulação dos meios e de seus conteúdos, quais sejam: a autorreferencialidade, a correferencialidade, a descentralização e a dialogia. E é neste lugar em movimento – o da circularidade – de natureza sociotecnodiscursiva que se estabelecem, no espectro da midiaticização, possibilidades de “[...] novas interações nas práticas jornalísticas com o mundo do leitorado²” (FAUSTO NETO, 2012, p. 55). Em nosso caso, com os que acessam o telejornal TV Folha, que vai ao ar pela TV Cultura e se insere na continuidade de uma reflexão que já vem sendo feita sobre as mudanças verificadas no telejornalismo a partir deste programa³.

O telejornal, que estreou em março deste ano, é produzido por meio de uma parceria entre o jornal Folha de São Paulo e TV Cultura. Atualmente, esse programa é veiculado todos os domingos, a partir das 19h30, e possui 30 minutos de duração. Quanto às editorias presentes, em geral, são cultura (ilustrada), comportamento (cotidiano), esporte e polícia e, com frequência, repercutem temas já apresentados pelo suporte do jornal impresso Folha de São Paulo. As reportagens exibidas pela mídia televisiva, por sua vez, são disponibilizadas no site do programa nesse horário, de maneira que podem ser assistidas pela web em tempo real ou posteriormente, a partir da consulta ao link⁴.

Para compor este artigo, esse telejornal foi escolhido por ser uma amostra bastante evidente das metamorfoses contemporâneas sofridas pelo jornalismo de televisão, tanto em forma quanto em conteúdo, como se verá ao longo desta análise. Nesse sentido, o programa apresenta de fato um experimentalismo de linguagem, fruto de uma reconfiguração, bem como de entrega dos conteúdos, de maneira a servir como ilustração dos movimentos do jornalismo de televisão contemporâneo. Movimentos estes que são, a nossos olhos, possibilitados, sobretudo, pelas transformações decorrentes do fenômeno da midiaticização.

Nessa perspectiva, a análise inicia-se pela observação da

autorreferencialidade no programa, característica primeira do complexo fenômeno da midiaticização do jornalismo, compreendida como a qualidade da mídia contemporânea de referenciar continuamente suas próprias operações. A autorreferencialidade personifica-se, por exemplo, quando o dispositivo faz referência a si próprio em suas ofertas de sentido, seja por meio da explicitação de suas operações seja pelo uso de marcas textuais como estratégia, entre outras, de oferta de credibilidade (FAUSTO NETO, 2006).

No caso do jornalismo operado na televisão, devem ser consideradas as práticas e os discursos advindos dessa configuração específica, que trata da notícia no suporte audiovisual, e deste no dispositivo televisão. Assim, assume-se a perspectiva de Cannito (2010, p. 27) quando diz que a TV é também um meio de exibição de conteúdos, entendida, por extensão, como o suporte onde esses conteúdos podem ser socializados; o que requer compreendê-la como dona, segundo o autor, de uma linguagem própria da qual os formatos televisivos são decorrentes a partir do uso que o público faz de seus conteúdos.

Além disso, o conceito de telejornal, do qual se parte para apontar mudanças, diz respeito a um sentido consensual construído ao longo dos 60 anos de existência da televisão no Brasil e, portanto, tomado pela sua significância consagrada pelo uso que se faz dela. Ou seja, um programa que, dentro da grade de programação da televisão, lida com os conteúdos referenciais ou fáticos, por oposição às ficcionalidades dos outros gêneros da programação, e que se apresenta, via de regra, com horário, duração e nome fixos. O telejornal é um dos programas que geram às emissoras em geral mais prestígio que retorno financeiro, logo, todo canal de televisão oferece pelo menos uma edição ao longo do dia (BUSTAMANTE, 1999).

E é nesse sentido que o programa TV Folha vai se mostrando como uma aplicação muito evidente das transformações frente a esse modelo original, evidenciando a característica da autorreferencialidade. A própria ideia originadora do programa está baseada, segundo Dávila (2012), em explorar a qualidade e a marca do jornalismo do grupo Folha em outros suportes. A mídia televisiva, nesse caso, apresenta-se no suporte televisão a partir do reconhecimento e da legitimidade da mídia jornal impresso em um claro movimento de autorreferenciação.

No que diz respeito à estruturação das matérias, vale a mesma lógica. Quando se fala em televisão, e nela a veiculação de

notícias, é preciso lembrar que o veículo oferece credibilidade e sedução por meio da imagem em movimento. Além disso, também é a imagem que é capaz de atingir públicos mais vastos, heterogêneos e amplos por conta de não exigir o domínio do código linguístico e o pagamento do conteúdo, no caso da televisão em sinal aberto.

No TV Folha, a evidência da autorreferencialidade pode ser reconhecida em dinâmicas marcadas pelo dizer e pelo mostrar de si, onde tanto o apelo de quem narra quanto os próprios recursos de linguagem – como a imagem ícone da prova testemunhal – produzem grande impacto. Pode-se apontar, como exemplo, a prática instituída de transformação dos bastidores de produção em conteúdo integrativo da notícia/ reportagem, marcando, por extensão, além da novidade em termos estruturais, a presença pronunciada do repórter e, eventualmente, do repórter cinematográfico.

Esse movimento não só esteve ausente até então nos telejornais de maneira geral, como em certa medida era “condenável”, uma vez que pressupõe o protagonismo e, portanto, as subjetividades dos agentes narrativos, depondo contra os preceitos perseguidos de objetividade e imparcialidade e de apagamento da voz que conta a história. Trata-se, no caso do telejornal TV Folha, de dizer que fez a matéria trazendo ao conhecimento público, e de naturalizar na sequência o processo de produção como diferencial de si e atribuição de credibilidade em situações da reportagem em que os atores narram a notícia, como também o seu processo de produção.

Em outro sentido, a autorreferencialidade é percebida ainda por conta do momento de grande imersão tecnológica experienciado contemporaneamente, que mostra a clara influência do ritmo ditado pela produção e publicação de notícias na web, repercutindo na TV e criando novas processualidades no sistema midiático. Mais uma vez são os bastidores que ganham destaque porque autenticam/ garantem a veracidade dos fatos e a informalidade da linguagem na medida em que os telejornais passam a tornar a redação – “o chão da fábrica” – cenário integrativo do programa. É, então, nesse cenário que estão os repórteres discorrendo sobre o processo produtivo, em situações extra ou fora do VT que produziram.

Referencia-se, assim, como o agente jornalístico é capaz de trazer a informação o mais rápido possível a partir de seu acontecido até o telespectador. No TV Folha, a redação do programa é parte constitutiva da redação e também da vinheta de abertura, que mostra imagens dos jornalistas em processo produtivo. O cenário

do telejornal também é fruto do enquadramento do apresentador em sua suposta mesa de trabalho, tendo ao fundo seus colegas em atividade.

O telejornal passa, assim, a operar de maneira a criar novos contratos de leitura a partir desse movimento porque incorpora o que até então era conteúdo do programa forçosamente escondido do seu público, por essa razão, o rompimento com a lógica objetiva de apagamento de quem diz caminha no sentido de informalizar a narrativa (PICCININ, 2007). Incide, portanto, na linguagem do programa, como pontuam Becker e Teixeira:

[...] um apagamento das diferenças entre a enunciação da notícia e o acontecimento, entre o discurso e o fato social, reafirmando o lugar do telejornal como espaço real da experiência social, e não de representação; simulando o acesso direto da audiência não apenas aos estúdios e às equipes de repórteres e cinegrafistas, mas à própria realidade, constituída por uma narrativa tecnicamente naturalizada (BECKER; TEIXEIRA, 2009, p. 235).

Essa referencialidade adquire uma nuance outra quando o jornalismo, ao se anunciar na televisão, sofre metamorfoses em seu dizer e nos modos de operar por conta da correferência. Nesse caso, a correferencialidade é também fruto da ambiência de profunda imersão tecnomidiática experienciada na contemporaneidade, e que diz respeito ao fato de que a instituição jornalística vale-se de seus pares para referenciar o jornalismo feito por si e pelos outros. Assim, pautas, reportagens, grandes coberturas partem da instância jornal impresso, rádio, TV, ou web e alcançam os outros dispositivos midiáticos, criando uma circularidade contínua de retornos discursivos dentro do sistema. Ou seja, se diante das múltiplas narrativas midiáticas contemporâneas, o jornalismo e, nele, o telejornal, busca referendar-se pela autorreferencialidade que empresta, sobretudo, credibilidade a si mesmo, também o processo horizontal com seus pares, por assim dizer, opera em sentido semelhante, ainda que com propósito ligeiramente distinto.

No TV Folha, o movimento de correferenciação concretiza-se pela interlocução entre mídias que vai acabar por constituir “um produto único”, caracterizando, dessa forma, um fechamento operacional de natureza sistêmica (SOSTER, 2009). No jornal, que sai às ruas pela manhã de domingo, já estão referenciados os conteúdos que serão tratados na edição audiovisual à noite. E, ao final do telejornal da noite, também se dá o segundo movimento

de correferenciação institucional, quando o telejornal chama para a disponibilização dos conteúdos na web para consulta dos internautas, bem como anuncia as possibilidades de, em alguma medida, interagir com esses conteúdos. Da mesma maneira procede quando, ao final do programa de TV, chama para a edição do jornal impresso do dia seguinte.

Busca-se, nesse movimento, em primeiro lugar, o fechamento operacional do microssistema midiático-comunicacional formado pelos dispositivos TV Folha e Folha de S. Paulo, bem como das redes sociais que dialogam com eles. Em um segundo momento, e em decorrência desse movimento, busca-se o fortalecimento da identidade, o que permite: a) diferenciação em relação aos demais sistemas e o decorrente; b) o fortalecimento de vínculos junto a quem o acessa. Cumpre lembrar, na perspectiva de Luhmann (2009), que as operações dos sistemas são de natureza autorreferenciais, ou seja, voltadas para seu interior, e ocorrem principalmente como forma de manutenção do próprio sistema por meio da redução da complexidade em seu interior.

Menos hierarquia e mais hibridismos

Já quanto à descentralização, a terceira característica do jornalismo midiaticado apontada por Soster (2009), pode ser observada no jornalismo contemporâneo quando opera em uma condição de rizoma possibilitada, sobretudo, pelo aparato tecnológico de que dispõem as relações em rede (CASTELLS, 2002). O rizoma, por sua vez, rompe com a hierarquia de uma instituição midiática sobre outra, fragilizando as diferenças hegemônicas e de graus de importância entre si. Desse modo, é da característica da rede a diluição do diagrama do axioma, de um ponto de conexão hierárquico central.

De fato, nesse momento, a questão da imersão tecnológica e das práticas de operação convergentes permitidas pela digitalização oportunizam o agrupamento e a operação em rede das diferentes mídias. Por essa razão, a substituição das operações axiomáticas pelas rizomáticas nas novas ambiências sociotecnodiscursivas é parte essencial do movimento de midiaticação do jornalismo, visto que essas operações geram processualidades originais por conta de sua relação com as possibilidades da convergência, aqui compreendida por Jenkins como:

[...] o fluxo dos conteúdos através de múltiplos suportes midiáticos, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos e meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca de experiências de entretenimento que desejam. [...] No mundo da convergência das mídias, toda história importante é contada, toda marca é vendida e todo consumidor é cortejado por múltiplos suportes de mídias (JENKINS, 2008, p. 27).

Ou seja, estamos falando da ideia de descentralização ante a hegemonia da mídia que “origina” o conteúdo em relação às demais que também distribuem a mesma programação. Trata-se de tomar o telejornal convencionalmente exibido em TV aberta e perceber que, até então, ele reinava absoluto em sua relação institucional dentro da programação, como gênero canonicamente reconhecido, primeiro de exclusividade, e depois, de hierarquia – nesse caso, superior – em relação às demais mídias que sobre ele se referenciem.

Nesse sentido, referimo-nos aqui a sites, blogs e redes sociais do programa, por exemplo, tão comuns atualmente. Hoje, essa relação do telejornal “original” ou “matriz” e seus pares está sendo refeita, na medida em que faz parte desse produto telejornal também o site no qual os conteúdos estão hospedados. Desse modo, o público passa a aprender a ver e ter esses conteúdos como fonte de consulta no momento que melhor se aprouver e quantas vezes desejar, podendo, com isso, romper com a fórmula engessada da grade de programação inflexível, a qual apresenta data e horários pré-fixados.

No caso do TV Folha, as possibilidades de convergência dão ao programa outras “abas” ou outros limites discursivos tão integrados ao “pacote telejornal” a ponto de este ser compreendido em seu todo, ou também por aquilo que está para além do suporte TV, como é o caso do site institucional do programa, e também das redes sociais a ele associadas. Se uma determinada técnica e suporte produzem e fazem resultar num modo de dizer e de entregar a notícia, no contemporâneo, as tecnologias digitais em combinação com as analógicas vão resultar em um programa de televisão que vai se transformando e gradativamente abandonando seu modelo original para se tornar um composto de todas as narrativas a ele relacionadas em diferentes suportes.

Conforme Sérgio Dávila (2012), o programa TV Folha teve sua origem motivada pelo desejo da emissora e do jornal impresso de diversificar a entrega dos conteúdos, o que acaba, nesse sentido, por colocar os diferentes suportes que compõem o programa em

um lugar de horizontalidade. E, assim, passam gradativamente a ocupar um lugar tão importante na composição da narrativa noticiosa quanto o programa de “origem”, que poderia ser tomado aqui como o telejornal, em que pese a ideia de programa original ser revisto justamente por essa perspectiva. Segundo Piccinin (2012):

Diante da convergência midiática, que reúne diversos modos de entrega de conteúdo e da interinfluência da linguagem em cada um dos três suportes, o mais prudente seria pensar que o programa/produto é tudo isso ao mesmo tempo e agora, oportunizando perceber que aqui nasce um novo formato de jornal impresso, telejornal e teleweb. Ou por outras palavras, produzindo a simbiose e a hibridação das narrativas jornalísticas, conforme tem se refletido neste artigo e marcando-se, portanto, como uma manifestação midiática jornalística típica da contemporaneidade, do jornalismo midiaticizado que se descentraliza, diluindo hierarquias entre mídias, sem limite definido e definitivo, reinventa-se e originando novos formatos (PICCININ, 2012, p. 10).

Ao profissional da área também repercutem essas demandas, posto que lhe é exigido, muitas vezes, o domínio tanto da implicância estética desses novos formatos e suportes quanto a própria operacionalização da produção e disponibilização dos conteúdos em suportes outros, nesse caso, correlatos ao “suporte original”, entendido como a televisão. Na medida em que se observa que esses movimentos não surgem isolados, é importante lembrar que a descentralização reafirma a autorreferência e a correferência, da mesma forma que a descentralização torna esses “desdobramentos” um todo único, por oposição ao modelo que vinha sendo praticado em um primeiro momento, àquele que compreende ainda as outras plataformas de entrega de conteúdo como adjacências.

Também o mundo da produção da notícia no telejornal tende a uma operação descentralizada, por conta de que todos têm acesso a todos os conteúdos em fase de produção, descaracterizando aquele lugar de fisionomia axiomática onde havia vários repórteres e equipes subordinadas a um editor. E na medida em que as tecnologias vão dando condições de as equipes coletarem o material, como também o editarem, algumas passam a agir assim, entregando o produto “pronto”, como é o caso das equipes de cobertura internacional e das equipes de um homem só, isto é, os repórteres submetidos às experiências de repórter-abelha⁵.

Estas ferramentas introduzidas na rotina de um jornalista multimídia ou jornalista móvel vai desencadear numa produção multiplataforma exigindo um profissional multitarefa com

habilidade de lidar com diversas tecnologias digitais dentro de um fluxo de produção mais aberto e dinâmico que, por sua vez, forçará o profissional a responder com mais agilidade ao processo de distribuição de conteúdos ainda durante a etapa de apuração e produção como transmissão ao vivo para a web ou para um canal de tv via celular 3G, envio de parciais da produção em forma de flashes textuais, imagéticos ou de vídeos entre outras condições impostas. É uma mudança de fluxo e de rotina (SILVA, 2009, p. 9).

Ainda que aqui não se tenha informações aprofundadas do âmbito da produção da notícia, é possível dizer que a maneira como o repórter coloca-se enquanto fonte da própria matéria também diz respeito a essa ideia de, em alguma medida, fazer parte do processo em sua integralidade, da pauta à edição final, ainda que não seja uma regra geral. Em razão disso, a descentralização do jornalismo midiaticizado manifesta-se nas novas maneiras de relacionamento entre o mundo da produção, a entrega dos conteúdos do telejornal e suas audiências.

Desse modo, muito já tem se dito sobre o lugar e a condição de interatividade que as redes sociais e as plataformas da web 2.0 possibilitam às audiências, não só em termos de contribuição e colaboração na produção de conteúdos e em sua repercussão (como comentários e posts), mas também quando do compartilhamento do material e da recriação desses mesmos conteúdos. Ao telespectador, há um novo lugar na condição de usuário das tecnologias digitais por poder contribuir com o telejornal por meio da postagem de vídeos, fotos ou informações a partir, por exemplo, da popularização dos equipamentos de captação em câmeras portáteis e câmeras nos celulares, tanto no âmbito da própria produção quanto dos telespectadores.

Dessa forma, observamos que a cultura da convergência está reconfigurando a produção e o público, os conteúdos, os gêneros, as linguagens e as narrativas midiáticas. As possibilidades se multiplicam a cada dia e acontecem principalmente a partir de uma construção coletiva, emergida em torno de comunidades de interesses presentes nas redes sociais mais utilizadas na web: Facebook, MySpace, Orkut, Sonico, Twitter, Flickr e LinkedIn, juntas elas têm cerca de oitocentos milhões de usuários e seguidores, discutindo, informando, desinformando, construindo, destruindo, se comunicando (CABRAL et al, 2011, p. 8).

Na medida em que o TV Folha fica disponível na rede, pode ser compartilhado e comentado pelas redes sociais enquanto produto final; ao mesmo tempo também pode receber material e sugestões dos telespectadores por meio dos recursos interativos da rede, ainda

que estes parecem ser explorados nos níveis mais imediatos com relação ao programa. Assim, essas possibilidades vão gradativamente retirando da emissão o poder e controle exclusivo dos conteúdos, substituindo mais uma vez a condição de axioma para a de rizoma.

Por fim, a dialogia faz parte, enquanto característica da midiática do jornalismo (SOSTER, 2012b), da tendência ao diálogo estabelecido entre o sistema midiático – formado por dispositivos como televisões, jornais, revistas etc. (SOSTER, 2009) – com outros sistemas sociais para, dentro da arquitetura midiática, produzir diferenças que estabeleçam diferenças. Nessa perspectiva, pode-se dar como exemplo o movimento bastante evidente que o programa faz em busca da estetização da notícia, principalmente observado no uso dos recursos virtuais via artes visuais no que tange à forma e à apropriação dos recursos da literatura com relação à composição do texto. Por esse viés, o sistema midiático busca no literário o substrato de suas operações, absorvendo para seu interior lógicas próprias da literatura como forma de obtenção de diferenças.

É importante, ainda, observar que a dialogia é um movimento que acaba por tornar-se frequente nesse “diálogo” entre os campos do conhecimento a partir da relativização dos limites conceituais na contemporaneidade. Depois das consolidadas narrativas da modernidade, o momento atual vai sendo marcado pelas hibridações justamente em função dessa erosão de fronteiras entre formas e modos de narrar. Nesse caso, há o que Figueiredo (2010) chama de “deslizamento” entre formas narrativas como resultado das diferentes estéticas contemporâneas. Na mesma perspectiva, Machado (2010) também indica que essa dialogia é observada na ideia de “artemídia” trazida pelo autor. Ou seja, é na hibridação narrativa entre arte e mídia que se coloca a própria oportunidade da estética contemporânea de fazer sua narrativa de reinvenção.

A ascensão da imagem no contemporâneo, como recurso linguístico capaz de representar o pensamento largo e abstrato de forma concisa (JAMESON, 1997) em tempos de aceleração dos processos, também responde pela busca da estetização do telejornal. No caso do TV Folha, percebe-se um grande cuidado estético com a imagem e com as trilhas de áudio utilizadas na estruturação do programa, especialmente das reportagens. Observa-se, com isso, um ritmo narrativo documental em grandes reportagens, as quais são marcadas pelo aprofundamento do tema e pela adoção de várias perspectivas do fato a partir de diferentes entrevistados (PICCININ,

2012). Em relação à composição da fotografia, aos movimentos de câmera, à edição e à pós-produção com recorrentes e elegantes (ao mesmo tempo) recursos virtuais, dão-se em ritmo cinematográfico. Por conseguinte, são perceptíveis estratégias expressivas dos dizeres audiovisuais marcados em sua estetização (GAUDREULT; JOST, 2009), que apontam para essa hibridação do jornalismo seja com a arte literária, seja com o cinema, seja com as artes plásticas.

Considerações Finais

A análise do programa TV Folha, feita a partir dos movimentos operados pela midiaticização em suas quatro características – autorreferência, correferência, descentralização e a dialogia –, aponta para a performance que o jornalismo de televisão vem desempenhando frente às mudanças conjunturais e estruturais, que acabam por deslocar a mídia do lugar de adjacência para o lugar de centralidade no contemporâneo.

Nesse sentido, as reflexões oportunizadas pela análise da realidade empírica a partir do telejornal em estudo indicam que, de fato, o entendimento da reconfiguração do telejornalismo atual exige esse deslocamento contínuo, dialético e dialógico entre as proposições teóricas e o comportamento dos programas. Assim, instituindo-se por meio das mudanças gradativamente apontadas, o telejornal vai se mostrando como resultante desse todo integrativo, fruto do conjunto das mídias que o compõem, e abandonando o modelo tradicional reduzido ao suporte televisão. Nessa proposição, o programa altera-se em forma e conteúdo e na sua relação com as diferentes instâncias sociais, técnicas e discursivas, forçando a geração de novos protocolos e de novas gramáticas de reconhecimento na sua relação com o que vem se compreendendo conceitualmente como telejornal no cenário cambiante atual.

NOTAS

1. Ethicidade é entendida aqui por Kilpp (2003) como o imaginário construído pelo receptor a partir da “moldura” oferecida pela televisão nos diferentes programas que compõem sua grade; ou, nas palavras da autora, “[...] as ethicidades designam subjetividades virtuais (as durações, personas, objetos, fatos e acontecimentos que a televisão dá a ver como tais, mas que são, na verdade, construções televisivas), cujos sentidos identitários (éticos e

- estéticos) são agenciados num mix de molduras e moldurações de imagens [...]” (KILPP, 2003, p. 33).
- 2 Em sua análise, Fausto Neto (2012) refere-se a transformações de natureza identificadas a partir de crises que emergem nos dispositivos, como no caso da saída do ombudsman do jornal Folha de S. Paulo, em 2008, amplamente publicizada pelo próprio dispositivo.
 - 3 O TV Folha tem sido objeto de pesquisa da autora Fabiana Piccinin, que expôs as primeiras reflexões acerca do programa no artigo “Tudo ao mesmo tempo e agora”: análise da cobertura de cotidiano no TV Folha, apresentado na 10ª edição da SBPJor, na mesa coordenada sobre Coberturas em Telejornalismo, em novembro de 2012, em Curitiba. No referido artigo, as transformações no telejornalismo são observadas pela perspectiva tecnológica e estética, mediante a análise da cobertura de um assunto específico do programa – a ocupação de um prédio no centro de São Paulo – e exibidas no programa em 20/05/2012. As reportagens estão disponíveis em <http://www.youtube.com/watch?v=iYK5sBLpVjM> e <http://www.youtube.com/watch?v=RNW25XJlFw&feature=reilmfu>.
 - 4 Todas as reportagens dos programas exibidos até agora estão disponíveis em links individuais em <http://www1.folha.uol.com.br/tv/programatvfolha/>. O grupo Folha, no entanto, disponibiliza até 40 visualizações por mês gratuitamente, bastando para isso que o usuário faça um cadastro no sistema. Após as 40 visualizações, é preciso pagar pelo conteúdo.
 - 5 Repórter abelha ou vídeorepórter são expressões utilizadas para se referir àqueles repórteres que desempenham várias funções no trabalho da reportagem em televisão como colher informações, captar imagens, editar o material e enviar à redação.

REFERÊNCIAS

- BECKER, Beatriz; TEIXEIRA, Juliana. Narrativas jornalísticas audiovisuais: um estudo dos efeitos da convergência no JN e no UOL. **Revista Galáxia**. São Paulo, n. 18, p. 232-246, dez. 2009
- BUSTAMANTE, Enrique. **La televisión económica**. Financiación, estrategias y mercados. Barcelona: Gedisa Editorial, 1999. 379 p.
- CABRAL, Águeda; VIZEU, Alfredo; MESQUITA, Giovana; CIRNE, Livia. Convergência e diálogo de sentidos no telejornalismo da TV digital. **Intercom**. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

Recife, PE – 2 a 6 de setembro de 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2398-1.pdf>. Acesso em: set 2012.

CANNITO, Newton. **A televisão na era digital**. São Paulo: Summus, 2010. 263 p.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. 7. ed. v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 617 p.

DÁVILA, Sérgio. **TV Folha" completa 3 meses com furos e histórias exclusivas**. Disponível em <http://noticias.bol.uol.com.br/entretenimento/2012/06/10/quottv-folhaquot-completa-3-meses-com-furos-e-historias-exclusivas.jhtm>. Acesso em: julho de 2012.

FAUSTO NETO, Antonio. Narratividade jornalística no ambiente da circulação. In: PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azeredo (Org.) **Narrativas comunicacionais complexificadas** v. 1. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2012. p. 46-67.

..... Fragmentos de uma <<analítica>> da midiatização. **MATRIZES**. São Paulo: n. 2, abril/2008. p. 89-105.

..... Mutações nos discursos jornalísticos: Da "construção da realidade" à "realidade da construção". In: FELIPPI, Ângela; SOSTER, Demétrio de Azeredo; PICCININ, Fabiana (Org.). **Edição em jornalismo: ensino, teoria e prática**. v. 1. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2006. p. 46-63.

FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. **Narrativas migrantes: Literatura, roteiro e cinema**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: 7 Letras, 2010. 284 p.

GAUDREAU, André; JOST, François. **A narrativa cinematográfica**. Brasília: UnB, 2009. 227 p.

GOMES, Pedro Gilberto. **Filosofia e Ética da Comunicação na Midiatização da Sociedade**. São Leopoldo: Unisinos, 2006. 143 p.

HJARVARD, Stig. Midiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. **MATRIZES**. Ano 5. n. 2. São Paulo: jan./jun. 2012. p. 53-91.

JAMESON, Frederic. **Pós-modernismo**. A lógica cultural do capitalismo tardio. 2. ed. São Paulo: Ática, 1997. 431 p.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008. 380 p.

KILPP, Suzana. **Ethnicidades televisivas**. Sentidos identitários na TV. São Leopoldo, 2003. 239 p.

LUHMANN, Niklas. **Introdução à teoria dos sistemas**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

MACHADO, Arlindo. **Artemídia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. 84 p.

PICCININ, Fabiana. “Tudo ao mesmo tempo e agora”: análise da cobertura de cotidiano no TV Folha. **SBPJor** – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. 10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, novembro/ 2012b.

SILVA, Fernando Firmino da. Mobilidade convergente: Abordagem sobre a prática e os estudos do jornalismo móvel. **Revista Ícone**. v. 11, n. 2, dezembro de 2009. p. 1-18. Disponível em <http://www.icone-ppgcom.com.br/index.php/icone/article/viewFile/57/53>. Acesso em set 2012.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. Telewebjornalismo, entre autonomia e o outsourcing. In: FELIPPI, Ângela; PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azeredo. **Edição de imagens em Jornalismo**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2008. 255 p.

_____. **O jornalismo em novos territórios conceituais: internet, midiaticização e a reconfiguração dos sentidos midiáticos**. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação 2009. 185 f. Tese (Doutorado) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2009.

_____. Sistemas, complexidades e dialogias: narrativas jornalísticas reconfiguradas. In: PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azeredo (Org.) **Narrativas comunicacionais complexificadas**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2012b. (no prelo).

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**. 2. ed. Vozes: Petrópolis, 2006. 268 p.

Fabiana Piccinin é jornalista com experiência profissional em jornalismo de televisão em emissoras comerciais e universitárias; é professora do Curso de Comunicação Social da Unisc onde trabalha com as disciplinas de Teoria do Jornalismo e Telejornalismo; professora e pesquisadora do Programa de Pós Graduação Mestrado em Letras da Unisc onde pesquisa as implicações das mudanças tecnológicas nas narrativas audiovisuais; atualmente é Coordenadora Adjunta do Programa; doutora em Comunicação (PUCRS). Integrante do GIP Tele, Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo e do Grupo Leitura, Literatura e Cognição, (ambos CNPQ) e do GENALIC, Grupo de Estudos sobre Narrativas Literárias e Comunicacionais. fabianapiccinin@hotmail.com

Demétrio de Azeredo Soster é doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos); já trabalhou como assessor de imprensa, repórter, repórter especial, subeditor, editor, editor multimídia, editor-executivo e gerente de redação; professor de jornalismo e coordenador do Curso de Comunicação Social da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc); diretor administrativo da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), diretor científico do Fórum Nacional dos Professores de Jornalismo (FNPJ), professor-pesquisador do Programa de Pós-graduação em Letras da Unisc, membro pesquisador da Rede de Pesquisa Aplicada Jornalismo e Tecnologias Digitais – Jortec, da SBPJor; do Grupo de Pesquisa Hiperídia e Linguagem, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e do GENALIC (Unisc), Grupo de Estudos sobre Narrativas Literárias e Comunicacionais. dsoster@uol.com.br

RECEBIDO EM: 30/09/2012 | ACEITO EM: 27/11/2012